

**EDIFÍCIOS HISTÓRICOS E PAISAGEM NOTURNA: ILUMINAÇÃO E
MEMÓRIA VISUAL URBANA**

HISTORIC BUILDINGS AND NIGHT LANDSCAPE: LIGHTING AND URBAN VISUAL MEMORY

Sara Dantas da Silva

Acadêmica de Arquitetura e Urbanismo, IFSP, Brasil
Ex-bolsista de Iniciação Científica, PIBIFSP
sd.silva.sp@gmail.com

Douglas Gallo

Professor Doutor, IFSP, Brasil
douglas.luciano@ifsp.edu.br

RESUMO

O presente artigo explora duas paisagens urbanas distintas, separadas pelo crepúsculo, uma diurna (definida pela iluminação natural) e outra noturna (determinada pela iluminação artificial). O objetivo foi analisar e caracterizar as paisagens urbanas e ambiências características de cada período. A iluminação urbana - de fachada e de monumentos - contribui diretamente na ampliação do tempo de vivência urbana, gerando ambiências e possibilidades de sociabilidades que prolongam a vida urbana para o período noturno. Foi realizada uma revisão bibliográfica e uma análise espacial por meio de registros fotográficos, anotações e descrição da iluminação e ambiência de elementos edificados históricos da região central da cidade de São Paulo/SP. Os registros foram realizados no mesmo dia, em momentos distintos, à luz do dia e sob iluminação artificial no período noturno. A análise da ambiência e da paisagem urbana buscou compreender sua relação com a memória visual e potencialidades dos elementos iconográficos do ambiente urbano, configuradores de ambiências, paisagens e memórias coletivas.

PALAVRAS-CHAVE: Iluminação de fachada. Memória coletiva. Patrimônio histórico.

ABSTRACT

This article explores two distinct urban landscapes, separated by twilight, one daytime (defined by natural lighting) and the other nighttime (determined by artificial lighting). The objective was to analyze and characterize the urban landscapes and ambiances characteristic of each period. Urban lighting - facades and monuments - directly contributes to extending the time of urban living, generating ambiances and possibilities for sociability that prolong urban life into the night period. A bibliographic review and a spatial analysis were carried out through photographic records, notes and description of the lighting and ambience of historic built elements in the central region of the city of São Paulo/SP. The records were taken on the same day, at different times, in daylight and under artificial lighting at night. The analysis of the ambience and the urban landscape sought to understand its relationship with the visual memory and potentialities of the iconographic elements of the urban environment, configurators of ambiances, landscapes and collective memories.

KEYWORDS: *Facade lighting. Collective memory. Historic heritage.*

1 INTRODUÇÃO

A arquitetura e o urbanismo estão conectados à iluminação, sendo esta responsável por conformar os espaços, revelando formas, cores e texturas. É por meio da luz que a matéria se manifesta e se torna visível, possibilitando que o ser humano perceba o espaço e o vivencie. De acordo com Costa (2013), a arquitetura se revela e se apresenta em função do fenômeno luminoso, seja ele natural ou artificial, ao dispor seus elementos no espaço, captando, refletindo, diluindo e emitindo luz.

As cidades compõem-se de elementos físicos - naturais ou construídos - e elementos humanos, responsáveis pela vida urbana e pelos significados adquiridos histórica e culturalmente. Simultaneamente, os componentes do espaço urbano conformam diferentes paisagens, que por sua vez se diferenciam nos períodos diurnos e noturnos, configurando diferentes sociabilidades. Na história das cidades nem sempre os espaços públicos puderam ser apropriados em todos os períodos do dia, antes do advento da iluminação pública (viária, mas também de fachadas) os cidadãos urbanos perdiam boa parte da ambiência urbana, pois o período noturno era dominado pela escuridão, pela insegurança e pelo desconhecido.

A iluminação pública é “[...] o serviço que tem o objetivo de prover luz ou claridade artificial aos logradouros públicos no período noturno ou nos escurecimentos diurnos ocasionais, incluindo locais que demandem iluminação permanente no período diurno” (ROSITO, 2009, p. 32). Pode-se dizer que a iluminação pública possibilitou a ampliação da vida urbana, modificando radicalmente a relação dos cidadãos com suas cidades, ampliando os usos e ocupações e possibilitando aumentar a vida urbana e o convívio social. Tendo em vista, que durante o dia grande parte da população está ocupada em seus ambientes laborais, a perspectiva de usufruir da cidade num período de tempo ampliado possibilitou novas formas de apropriação urbana.

A apreensão da paisagem urbana passa pelo olhar do indivíduo, que por meio da visão constrói uma relação, positiva ou não, com esta ambiência. Neste contexto, a luz tem uma importância fundamental, uma vez que os mesmos espaços e elementos possuem características muito distintas quando observados durante o dia, sob a luz solar e à noite, modulados pela iluminação artificial (DERZE, 2014). A paisagem noturna se torna um assunto importante quando se trata de vivência noturna, prezar pela ambiência e qualidade ambiental nesse período em que a cidade necessita da luz artificial para iluminar os seus espaços é essencial para a vitalidade urbana.

Com essa perspectiva o presente artigo analisa a paisagem urbana e as ambiências de elementos patrimoniais do centro histórico de São Paulo, sob a luz natural (dia) e artificial (noite). É apresentada uma análise fotográfica realizada em dois períodos de tempo, diurno e noturno, comparando-as e percorrendo acerca de suas paisagens, iluminação e elementos que contribuem para a memória visual do local. Foi elaborado um roteiro de análise e observação dos espaços urbanos, sendo as visitas realizadas no dia 03 de julho de 2021 entre 15h20 e 19h15, onde foram realizados: levantamento fotográfico, anotações e medições bem como o registro das sensações e análises realizadas pelo grupo de pesquisa. Dentre os registros efetuados foram selecionados 10 pares de fotografia para compor o *corpus* de pesquisa, representativos da categoria de análise (edifícios históricos) e características de análise (tipo e qualidade de

iluminação, ambiência do entorno, interações sociais e potencialidades para formação de memória visual).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Paisagens urbanas

De acordo com Junqueira (2015), o conceito de paisagem guarda diversas dicotomias: física e humana, morfológica e cultural, laboral e ideológica, material e imaterial, representações coletivas e individuais, dentre outras. Entende-se a paisagem como um conceito dinâmico, elástico e ambíguo, comportando diversas escalas. Em sua evolução etimológica em diferentes idiomas, observou-se sempre uma interação homem-natureza como pode ser observado em: *Landschaft*, termo de origem alemã que se refere a uma associação entre o sítio e os habitantes; *Landscape*, termo inglês de origem holandesa, comumente definido como visual ou representação da terra, tendo como pressuposto um observador; *Paysage* termo francês que tem seu significado atrelado às técnicas renascentistas cujo radical “*pays*” significa ao mesmo tempo habitante e território.

A paisagem urbana é composta por vários elementos e está diretamente relacionada com a qualidade de vida das pessoas. De acordo com Santos (2005), melhorias na paisagem urbana impactam positivamente no envolvimento dos cidadãos com a cidade e seus recursos. A percepção da paisagem urbana se dá basicamente em seus ambientes abertos, sejam estes, ruas, avenidas, parques e praças, conferindo à cidade uma identidade própria. Considerada como um mosaico cujo funcionamento é unitário, a paisagem pode sofrer mutações que podem ser estruturais ou funcionais. A rua, a praça, o logradouro funcionam de modo diverso nas diferentes horas do dia, nos diferentes dias da semana e nas diversas épocas do ano. A paisagem é materialidade, materialização de um instante da sociedade, diferencia-se do espaço, que é o casamento da sociedade com a paisagem (SANTOS, 2014).

2.2 Iluminação e Cidade

A luz artificial (elétrica) diferentemente da luz natural (solar) é específica e particular, podendo ser modulada quanto à fonte luminosa, sua posição, intensidade e cor. São múltiplos os efeitos possibilitando a criação de diferentes climas em um mesmo espaço. Nas cidades, ela desempenha um papel estrutural para o olhar do cidadão. O interesse em iluminar as fachadas das edificações, monumentos e pontos de interesse na paisagem urbana se carrega de uma importância fundamental, seja afetiva ou cultural, refletindo na apropriação dos espaços públicos pelos cidadãos, na imagem que possuem de sua cidade (LYNCH, 1997), e até mesmo na auto-estima e orgulho destes por sua cidade (MIGUEZ, 2005).

Portanto, iluminar os espaços, construções e obras de arte das cidades exige um sentimento de profundo respeito pelo trabalho daqueles que as conceberam e construíram, impõe responsabilidade em preservar a identidade dos monumentos e edifícios. A iluminação não é mais importante que a obra iluminada, deve, sim, expressar a releitura noturna desta obra através da sensibilidade criativa e da consideração profissional de quem ilumina (MIGUEZ, 2005, p. 5).

A iluminação de fachada e de monumentos históricos apresenta diversas potencialidades: capacidade de criação de cenografias urbanas; possibilidade de definição de ambiências psicológicas e simbólicas; e participação da sinalética urbana. Ao buscar a requalificação dos espaços na cidade contemporânea, intervenções luminotécnicas de monumentos significativos, centros históricos, edifícios de valor arquitetônico e histórico e paisagens de interesse turístico tem possibilitado uma reconexão dos cidadãos com suas memórias afetivas (MIGUEZ, 2005).

2.3 Um mundo de imagens

A contemporaneidade, marcada pela forte valorização da imagem e do movimento (HARVEY, 2014; BAUMAN, 2001; GIDDENS, 1991), nos confronta com produtos cênicos produzidos pela mídia em forte oposição ao patrimônio. A necessidade de recuperar, salvaguardar e ressignificar os valores históricos e o patrimônio material urbano nos movem em sentido de marcar e valorizar estes marcos da paisagem urbana, e a iluminação cênica e de fachada apresenta-se como uma possibilidade com diversas potencialidades (CRUZ, 2018; COELHO, 2005).

Mesmo bombardeados por uma infinidade de imagens e informações, ficam em nossa memória aquelas imagens normalmente associadas a um padrão emotivo e a sentimentos diversos. Nossa relação de luz e memória está muito conectada à iluminação natural e aos arquétipos visuais relacionados com os padrões naturais que a espécie humana vivenciou em sua evolução. De acordo com Barbosa (2010), a memória que temos da luz está associada aos planos que são iluminados, com destaque de uns em relação a outros e de elementos formais da arquitetura que captam a luz natural, sendo assim, nossa memória visual está ligada aos efeitos da luz do sol. É importante ter isso em mente quando analisamos a iluminação artificial conectada à memória visual e como elas se relacionam.

O embelezamento das cidades, possibilitado pelos avanços tecnológicos da iluminação de fachada e monumentos, pode agregar valor à paisagem urbana e impactar na qualidade de vida urbana, ao melhorar a sensação de segurança das pessoas, gerar vitalidade e sociabilidade além de incrementar atividades comerciais, de lazer e o turismo (OLISKOVICZ, 2016).

Um bom planejamento da iluminação urbana de uma cidade deve compor um Plano Diretor de Iluminação Urbana (PDIU). Este tipo de planejamento começou a ser desenvolvido em algumas cidades como Edimburgo (Escócia), Lyon (França) e Milwaukee (Estados Unidos), em finais da década de 1980, consistindo na definição de um conjunto de conceitos ligados à ambiência e atmosfera urbana conectado às características e tipologias de usos e ocupações do espaço urbano. Ao definir estratégias de iluminação para alcançar este objetivo permite a aplicação de forma coordenada dos princípios rumo à uma imagem de cidade desejada (MIRANDA; LEÃO, 2008; BASSO, 2008).

3 PAISAGEM NOTURNA E MEMÓRIA VISUAL NA METRÓPOLE CONTEMPORÂNEA

A criação da iluminação artificial foi um dos momentos importantes para definir a paisagem urbana noturna e de acordo com Derze (2014), o termo modernidade só tem sentido

se aplicado às ações da humanidade, não havendo modernidade na natureza. Posto isso, o ser humano começou a utilizar a iluminação artificial nas ruas e vias para que fosse possível frequentá-las e, assim, criar uma vida noturna para os residentes, beneficiando a cidade. A iluminação urbana possibilita a criação de um cenário e uma paisagem muitas vezes até cênica que conversa com os sentimentos dos indivíduos, além da iluminação possuir o poder de mudar a forma e destacar elementos diferentes de uma edificação ou ambiência.

Um conceito importante quando se trata de paisagem urbana é o de memória visual, quando se visita um local cria-se uma memória ou lembrança das percepções sobre o ambiente, com base nas vivências individuais de cada pessoa. A iluminação é um instrumento que reafirma a memória da cidade, a lembrança de seu passado. A luz possui papel didático, na medida em que reforça o vínculo da população com as raízes culturais da cidade (GONÇALVES, 2005).

Conforme Phoenix (2006), o Plano Diretor de Iluminação deve estar no topo das decisões estratégicas, dentro de uma hierarquia da luz. Deve-se definir o que se deseja atingir em termos de luz nos diferentes ambientes urbanos, proporcionando parâmetros para que designers e engenheiros trabalhem em conjunto e em paralelo com um objetivo comum. Em sua dissertação, Basso (2008, p. 85), cria um diagrama de influências da iluminação externa e propõe os principais pontos na iluminação urbana:

[...] estes critérios estão organizados ao longo dos círculos da influência da iluminação externa que são os três universos da abrangência do tema: a luz, as pessoas e a cidade. As quatro áreas de interesse organizam as principais problemáticas que a iluminação deve abordar para atingir seus objetivos: dialogar com a arquitetura do objeto ou entorno, organizar e melhorar a paisagem da cidade, promover o uso do espaço, respeitando os critérios de conforto do observador, e respeitar o meio-ambiente.

É impossível discutir arquitetura sem pensar nas pessoas e na relação delas com a paisagem, na criação de um plano de iluminação é necessário pensar nas interações entre os indivíduos e o espaço e, ainda, em como a luz auxilia no incentivo do uso noturno do espaço urbano.

Os urbanistas projetam cidades diurnas, organizam e distribuem da melhor maneira a movimentação e o crescimento dos centros urbanos. Entretanto, quando chega o momento de projetar a iluminação noturna, momento esse de pensar em todas as possibilidades que um bom projeto de iluminação urbana pode proporcionar para a cidade, para dar continuidade a esse crescimento e desenvolvimento, simplesmente não dão a devida atenção. Aplicam um desenho em cima do projeto urbano diurno e distribuem de maneira uniforme os pontos de luz (OLISKOVICZ, 2016). Portanto, é fundamental pensar na cidade noturna e nos usos que ela possui, com a presença da luz artificial é possível criar diversas perspectivas de um ambiente e atender as necessidades do espaço, tornando a ambiência noturna mais agradável, valorizando as edificações e prezando pelo uso dos residentes.

Possuindo uma arquitetura eclética típica do século XIX, o Mosteiro de São Bento foi projetado em 1906 pelo arquiteto Richard Berndl, professor da Universidade de Munique, com decoração interna de autoria do monge beneditino belga Dom Edelberto Gressnigt. O edifício é composto pela Basílica Nossa Senhora da Assunção e o Colégio de São Bento e ainda é um dos poucos remanescentes no mundo do estilo Beuronense, movimento que se caracteriza por dispor total integração entre arte e arquitetura. O local é ocupado desde 1598 pelos beneditinos, uma das primeiras ordens religiosas da cidade, que ergueram no local uma ermida,

substituída em 1634 pela segunda e no início do séc. XX pela construção atual (BASSANI; ZORZETE, 2014).

A figura 1A, apresenta a construção histórica sob uma grande quantidade de luz natural, deixando toda a sua fachada à vista. Nesse período uma quantidade média de transeuntes desloca-se no entorno do Mosteiro de São Bento, a maior parte vinda da estação de metrô São Bento – Linha 1 – Azul, que se localiza em frente à edificação. A paisagem é composta também por vegetação arbórea e boa parte do piso é nivelado e impermeabilizado. Já na paisagem noturna (figura 1B) nota-se a mudança que a iluminação de fachada do prédio aplica sobre a sua superfície, a luz direta amarelada se torna alaranjada ao se misturar com a parede e esse estilo de iluminação de fachada comparado à paisagem diurna, com luz natural, deixa o exterior chapado, não valorizando nem ressaltando os volumes da fachada do edifício histórico.

Figura 1 – Mosteiro de São Bento, São Paulo/SP: paisagem diurna (A) e noturna (B)



Fonte: Autores (2021)

As interações sociais noturnas não foram diferentes das diurnas, ao menos no início da noite, com a presença de uma grande infraestrutura de transporte público (Metrô) funcionando como pólo de atração de pessoas, mesmo no período noturno. O Mosteiro de São Bento está presente na rota de muitos turistas que vem à São Paulo e é considerado um ponto turístico do triângulo histórico do centro, além de que a sua arquitetura eclética atrai olhares e curiosidade para visitá-lo, tornando-se uma potencialidade para a formação da memória visual coletiva da cidade.

O Pateo do Collegio é composto pela Igreja e pelo Colégio dos Jesuítas erguidos no topo da colina central da Vila de São Paulo de Piratininga, em 1554. A localização da edificação, predominantemente horizontal, no sítio de fundação da cidade de São Paulo caracteriza-o como importante marco para a história da cidade, um retorno ao passado. A construção primitiva, em taipa de pilão, sobreviveu até 1640, quando da expulsão dos jesuítas da cidade. Com o retorno dos religiosos em 1653 o templo foi reconstruído e em 1759, com nova expulsão da ordem, o imóvel passou ao domínio do Reino. Ao final do século XIX a Igreja desabou em decorrência do abandono, sendo reconstruída em 1979, para as comemorações do quarto centenário da cidade, como simulacro da arquitetura colonial, tendo sua base em taipa preservada no subsolo (CANADO JÚNIOR, 2014).

Na figura 2A, o Pateo do Collegio está iluminado pela luz natural e há poucas pessoas no entorno do complexo, vale ressaltar que não existem estações de metrô no entorno imediato, como pólo de atração relevante. Na figura 2B, a fachada se ilumina com luzes amarelas em *wall washing* na parte superior da fachada, a iluminação valoriza o conjunto e potencializa a memória visual dos transeuntes que passam no entorno. Além da própria luminosidade presente na superfície da edificação, há alguns postes de iluminação pela paisagem que influenciam na claridade do mesmo. No fundo da imagem é possível observar o edifício da Secretaria da Justiça e Cidadania do Estado de São Paulo com uma iluminação arroxeadada.

Figura 2 – Pateo do Collegio, São Paulo/SP: paisagem diurna (A) e noturna (B)



Fonte: Autores (2021)

Os dois edifícios de arquitetura eclética, com elementos neoclássicos predominantes na fachada, que atualmente abrigam as dependências da Secretaria de Justiça (1891) e da Defesa da Cidadania (1896) do Estado de São Paulo, são remanescentes de agrupamento oficial destinados a compor cenário urbano do Pateo do Collegio. De autoria do arquiteto Ramos de Azevedo, se destacam pela monumentalidade e robusta sensação de solidez (Figura 3A), com a presença de elementos clássicos (colunas compósitas), estilo uniforme e volumes expostos em sua fachada. Baseado na tradição *beaux arts* europeia, possui, com sutis diferenças das obras do entorno, embasamento de cantaria, construção em alvenaria de tijolos com emprego de elementos metálicos (claraboias que recobrem pátios internos) demonstrando o prestígio da cafeicultura no período (BASSANI; ZORZETE, 2014).

Figura 3 – Secretaria da Justiça e Cidadania do Estado de São Paulo, São Paulo/SP: paisagem diurna (A) e noturna (B)



Fonte: Autores (2021)

Ambas imagens foram fotografadas em horários próximos em que as imagens do Pateo do Collegio foram registradas, desse modo o fluxo de pessoas era o mesmo, poucos transeuntes pelo local. A Secretaria possui no seu entorno edifícios muito importantes, à esquerda o já citado Pateo do Collegio e, à direita, o Tribunal de Justiça. O monumento, quando está sob a luz de refletores coloridos (Figura 3B) no período noturno, perde um pouco de sua essência neoclassicista pois a iluminação não valoriza e/ou destaca os seus volumes que estão em planos diferentes. Os frontões sobre as esquadrias são quase imperceptíveis pois se camuflam com a superfície branca da parede, a única área em evidência com a iluminação indireta é onde estão posicionadas as bandeiras da cidade. Outra forma de iluminação vista é a de um poste de luz de tom amarelado e, que apesar de influenciar o brilho na fachada, não contribui para o destaque do exterior. Sendo assim, a iluminação natural está mais adequada e potencializa mais a memória visual do conjunto do que a ambiência criada na paisagem noturna.

Localizada no nº 3 da antiga Rua do Carmo, ao lado do Beco do Pinto, o edifício do Solar da Marquesa de Santos (Figura 4), é um modelo de uma construção de arquitetura urbana do século XVIII com características neoclássicas, assim como outras edificações históricas presentes no centro de São Paulo, ela conta uma parte da história da cidade através da fachada e seus interiores. Em 1834 Maria Domitila de Castro Canto e Melo, a Marquesa de Santos, comprou o imóvel da herdeira do Brigadeiro Leme, e devido à intensa e agitada vida social da marquesa, o Palacete passou a ganhar notoriedade na cidade. Nos anos 1991 a edificação passou por restauração, descobrindo vários graus de modificações que não permitiram a reconstituição das características originais. A intervenção optou por resguardar os elementos que representassem as diversas fases de seu percurso no tempo (BASSANI; ZORZETE, 2014).

Figura 4 – Solar da Marquesa de Santos, São Paulo/SP: paisagem diurna (A) e noturna (B)



Fonte: Autores (2021)

O exterior do edifício expõe a fachada principal e apresenta uma paleta de cores em tons pastéis, sendo o rosa claro a cor predominante (Figura 4A). Se tratando da iluminação (Figura 4B), o monumento não possui uma iluminação de fachada exclusiva para enaltecer as formas e volumes do conjunto, sendo apenas evidenciada pela iluminação indireta de um poste de iluminação pública, de cor branca, posicionado na frente do edifício. Sendo assim, a qualidade de iluminação presente não valoriza a edificação e sua volumetria, nem qualifica a paisagem noturna, dado que a mesma não contribui para uma imagem marcante do edifício, por conseguinte não potencializa sua memória visual. Outro tipo de iluminação perceptível na imagem é uma iluminação amarela vinda do edifício vizinho, o Museu da Cidade de São Paulo que também é pertencente ao conjunto do Solar da Marquesa de Santos. Poucos elementos estão presentes na vista e o movimento de pedestres é baixo. Apesar de abrigar um acervo e ser um espaço cultural, não foram notadas interações sociais nas proximidades do edifício.

Localizada na Praça da Sé, a Catedral da Sé (Figura 5) é uma edificação do estilo neogótico projetada pelo arquiteto Maximilian Emil Hehl e construída entre os anos de 1912 a 1954. O templo no período noturno (Figura 5B) apresenta uma boa iluminação, nota-se que a torre esquerda possui iluminação própria enquanto a da direita estava apagada. Não há uma iluminação de fachada pensada para valorização do edifício e sua volumetria, sendo a iluminação do exterior majoritariamente composta pela luz indireta dos diversos postes de iluminação pública na cor branca que estão posicionados na praça à frente. Apesar da edificação ser bem iluminada, sua qualidade não é boa, visto que comparada a sua paisagem diurna (Figura 5A) o visual externo noturno não valoriza completamente as formas da catedral. Uma iluminação focal com refletores seria o ideal para realçar as características e destacar a estrutura do edifício histórico. A iluminação é um instrumento que reafirma a memória da cidade, a lembrança de seu passado. A luz possui papel didático, na medida em que reforça o vínculo da população com as raízes culturais da cidade (GONÇALVES, 2005).

Figura 5 – Catedral Metropolitana de São Paulo - Catedral da Sé, São Paulo/SP: paisagem diurna (A) e noturna (B)



Fonte: Autores (2021)

A paisagem do entorno da Catedral da Sé é composta por uma quantidade considerável de vegetação, no centro das imagens é possível observar uma aléia de palmeiras imperiais marcando o caminho e direcionando a perspectiva. Já a quantidade de pessoas e interações sociais é considerada grande no período diurno e médio no período noturno, tendo em vista que há uma estação de metrô próxima, a Estação Sé (integração da Linha 1 – Azul e Linha 3 – Vermelha) e a presença de comércio e serviços nas ruas adjacentes. A área também é ocupada por pessoas em situação de rua, uma problemática social crítica para a cidade. O ambiente também é percebido como um local inseguro por haver concentração de crimes e violências, então no período noturno muitos preferem não permanecer no local mesmo sendo um espaço iluminado.

A iluminação e a diversidade de uso nos espaços urbanos são questões importantes relacionadas à segurança quando se discute a vida noturna, manter a segurança da cidade é tarefa principal das ruas e das calçadas (JACOBS, 2000). O cenário diurno contribui mais para a memória visual considerando o visual do conjunto sobre a iluminação natural que valoriza as formas, enquanto o edifício no período noturno têm elementos que se escondem na penumbra, como a cúpula e o topo das torres.

O edifício situado na Rua Álvares Penteado esquina com Rua da Quitanda, onde atualmente está instalado o Centro Cultural Banco do Brasil - CCBB (Figura 6) foi construído em 1901 e adquirido pelo Banco do Brasil em 1923, que o reformou sob os cuidados do engenheiro-arquiteto Hippolyto Gustavo Pujol Júnior como primeira sede própria do banco na capital paulista. Inaugurado em 1927 esteve em atividade até 1996 quando o banco transferiu suas atividades para a agência da Rua Líbero Badaró e contratou o arquiteto Luiz Telles para a restauração, sendo o imóvel inaugurado em 2001, abriga atividades culturais como exposições, apresentações de teatro, dança, música, cinema e outros (BASSANI; ZORZETE, 2014).

Figura 6 – Edifício Centro Cultural Banco do Brasil - CCBB, São Paulo/SP: paisagem diurna (A) e noturna (B)



Fonte: Autores (2021)

O exterior do prédio possui janelas emolduradas por pilastras e também uma claraboia que ilumina o espaço interno, além de outros elementos estruturais e decorativos (Figura 6A). Quando se observa a fachada, é notável a presença de diversas esquadrias no desenho da vista. Na imagem da paisagem noturna (Figura 6B) as janelas e portas do primeiro andar estão iluminadas pela luz interior e verifica-se que o CCBB tem uma iluminação própria para a fachada com refletores diretos de coloração branca mesclando com a cor bege da superfície da parede. Os três andares são destacados pela luz, assim como a estrutura em concreto armado e os feixes de luz acompanham o desenho dos pilares. O único elemento que se camufla na escuridão é o coroamento do edifício, sem iluminação de realce.

Analisando o entorno, o CCBB é o único edifício iluminado da via, conformando uma ambiência sombria, uma vez que, ainda que adequadamente iluminada, a edificação insere-se num entorno pouco convidativo, percebido como espaço inseguro e sem vitalidade. Paralelamente, uma fachada fracamente iluminada poderá parecer destacada quando inserida em um entorno obscuro (MIGUEZ, 2005). O fluxo de pessoas é maior no período diurno e no noturno é quase zero, já que o edifício fecha por volta das 19h e os prédios comerciais no entorno também não possuem atividades noturnas. Portanto, um dos diferenciais do edifício é o trabalho feito na iluminação, assim como comentado anteriormente isso o destaca no meio de diversos outros e contribui para a memória visual dos indivíduos que se movimentam na área.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os aspectos observados, a iluminação de fachada contribui diretamente para a vitalidade urbana noturna da paisagem, assim como contribui ou não para que esse ambiente seja uma memória visual do indivíduo que esteve no local. Porém, além da iluminação cênica e de fachada, diversidade de uso e de público são fundamentais para gerar

vitalidade urbana. As percepções são únicas e exclusivamente baseadas nas impressões que o usuário tem do espaço em que ele está presente e os elementos que constituem o espaço são importantes para a criação dessa memória visual. É necessário que a paisagem noturna seja pensada de forma diferente do espaço diurno e que ela seja disposta adequadamente para tornar o ambiente um local agradável, que seja iluminado o suficiente, destaque as formas e volumes da edificação e torne a ambiência noturna como uma localização memorável. Um Plano Diretor de Iluminação precisa pensar em todos esses aspectos e incentivar o uso noturno assim como o diurno.

A pesquisa buscou entender e analisar como é a iluminação de fachada de edifícios históricos do centro da cidade de São Paulo, as ambiências criadas no entorno e seu papel na construção de uma memória visual coletiva. Como na maior parte das vezes não se nota a problemática até se compreender a importância de um bom projeto de iluminação, os elementos históricos e construções presentes no centro precisam ser mais valorizados no período noturno, com uma iluminação de fachada adequada e o incentivo do uso noturno, todas as edificações aqui analisadas são edificações tombadas como patrimônio cultural e histórico, contam uma parte da história da cidade, então é essencial que um Plano Diretor de Iluminação seja elaborado e implementado de acordo com as necessidades reais da cidade e da população, pensado conjuntamente com outras políticas públicas integradas para ativação e valorização do patrimônio urbano.

Referências

- BARBOSA, C. V. T. **Percepção da iluminação e o espaço da arquitetura**: preferências humanas em ambientes de trabalho. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.
- BASSANI, J.; ZORZETE, F. **São Paulo**: cidade e arquitetura um guia. São Paulo: Editor Francisco Maximiano Zorzete, 2014.
- BASSO, R. L. R. **Plano diretor de iluminação urbana do centro histórico de São Paulo**: uma nova ambiência e atmosfera para os calçadões. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- CANADO JUNIOR, R. S. **Embates pela memória**: a reconstrução do conjunto jesuítico do Pátio do Colégio (1941-1979). Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.
- COELHO, M. J. P. A iluminação urbana e ambiental como instrumento de valorização das cidades históricas. **Lume Arquitetura**, v. 3, p.18-20, 2005.
- COSTA, L.L.L. **A luz como modeladora do espaço na arquitetura**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade da Beira Interior. Covilhã/Portugal, 2013.
- CRUZ, B. B. S. **Iluminação cênica em fachadas de edificações de interesse de preservação**. Monografia (Especialização em Cenografia) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2018.
- DERZE, F. **Cidade à noite**: iluminação artificial e modernidade. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de Brasília, 2014.
- GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GONÇALVES, A.L.A. **Iluminação urbana de conjuntos históricos e tradicionais**: adequação do projeto à ambiência. Uma metodologia para planos diretores de iluminação. O caso do bairro histórico de Paraty. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2005.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 2014.

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

JUNQUEIRA, M. G. **A iluminação artificial como instrumento de leitura da paisagem urbana**. Dissertação (Mestrado em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2015.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MIGUEZ, J.C. A iluminação da arquitetura e seu impacto sobre a cidade. **Lume Arquitetura**, v.3, p. 4-8, 2005.

MIRANDA, P.; LEÃO, R. Novas diretrizes para as luzes do centro. **Projeto**, p. 80-86, 2008.

OLSKOVICZ, N. O embelezamento das cidades sob a ótica da iluminação urbana em fachadas e monumentos históricos. **Multitermos**, v. 21, n. 50, p. 259-280, 2016.

PHOENIX, G. Com a palavra o presidente da IALD. **Lume Arquitetura**, São Paulo, ed.18, 2006. Entrevista concedida a Maria Clara de Mario. Disponível em: http://www.lumearquitetura.com.br/pdf/ed18/ed_18_Entrevista.pdf. Acesso em 20 jan. 2022.

ROSITO, L.H. As origens da iluminação pública no Brasil. **Revista o setor elétrico**, 2009. Disponível em: http://www.osetoelettrico.com.br/ose/assets/2c688ee8/ed.36_fasciculo_capitulo_1_desenvolvimento_da_iluminacao_publica_no_brasil.pdf. Acesso em: 20 out. 2021.

SANTOS, E.R. **A iluminação pública como elemento de composição da paisagem urbana**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. São Paulo: Hucitec, 2014.